



“ATÉ, MEU BEM, PROVAR QUE NÃO, NEGRO SEMPRE É VILÃO”: RACISMO E SEXISMO EM UM CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

“STILL, BABY, NOT PROVE THAT, BLACK IS ALWAYS
VILLAIN”: RACISM AND SEXISM IN A SHORT STORY OF
CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria Dolores Sosin Rodriguez¹
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo: Esse trabalho irá analisar o conto “Maria”, integrante do livro *Olhos D’água* (2014), da autora mineira Conceição Evaristo. A partir de um lugar contra hegemônico, a autora constrói um mundo subjetivo adensado para a personagem principal, diferentemente do que costumamos ver em representações literárias da chamada Literatura Brasileira, propondo uma rasura no lugar que é ocupado por corpos negros dentro do cânone. CRENSHAW (2002) diz sobre a necessidade de uma consideração mútua das marcas identitárias de gênero e raça. Além dela, sustentaremos a análise com base em valores integrantes da diáspora negra, como a noção de ancestralidade como via de acesso ao real (OLIVEIRA, 2007) e o operador da negritude (MUNANGA, 2009) para o entendimento do corpo negro a partir de ações e vivências que se aproximam do agenciamento coletivo proposto por DELEUZE e GUATTARI (1977). O entendimento de GONZALEZ (1984) acerca do corpo da mulher negra e suas implicações na cultura brasileira também será entrelaçado com a análise do conto, pois ela aponta para uma sistematização que o racismo assume e para a forma que ele afeta violentamente o corpo da

¹ falecomdolores@hotmail.com.

mulher negra em particular. Como resultado, será evidenciado de que maneira as estruturas racistas e sexistas atravessam essa narrativa e a “escrevivência” de Conceição Evaristo.

Palavras-Chave: Literatura negro-brasileira; Escrita negra feminina; Conceição Evaristo; Literatura brasileira.

Abstract: *This paper will analyze the story “Maria”, part of the book Olhos D’água (2014), of Conceição Evaristo. Conceição Evaristo was born in Minas Gerais, Brazil. From a place against hegemonic, the author builds a dense subjective world for the main character, different from what we usually see on literary representations of the call Brazilian Literature, proposing a deletion in place that is occupied by black bodies within the canon. CRENSHAW (2002) talk about the necessity for mutual consideration of the identity marks of gender and race. Beyond it, we will maintain the analysis based on values of the black diaspora, as the notion of ancestry as real access route (OLIVEIRA, 2007) and the blackness of the operator (Munanga, 2009) to understand the black body from the actions and experiences that approach the collective assemblage proposed by DELEUZE AND GUATTARI (1977). Understanding GONZALEZ (1984) about the body of black women and its implications for brazilian culture is also intertwined with the analysis of the story, because it points to a systematization that racism takes and the way he violently affects the woman’s body black in particular. As a result, it will be shown how racist and sexist structures go through this narrative and the “escrevivência” of Conceição Evaristo.*

Key-Words: Black brazilian literature; Female black writing; Conceição Evaristo; Brazilian literature.

INTRODUÇÃO

Nas produções literárias de mulheres negras, as subjetividades são construídas a partir da apropriação da palavra que alavanca os mecanismos de representação e de auto representação. Tal ferramenta há muito nos foi negada e posta em uma localidade habitada pelo interdito, já que deter tais recursos implicaria em uma aquisição de voz e, conseqüentemente, de poder. Esse poder encontra-se engendrado em lugares autorizados de fala como, por exemplo, a literatura. Assim, o jogo circundante à questão do autor apresenta uma outra configuração quando temos uma mulher negra assumindo o lugar da autoria.

Assim, a escritora Conceição Evaristo, escrevendo de um lugar de enunciação (DELEUZE e GUATTARI, 1977) modulado por uma identidade negra e feminina, narra uma passagem da vida de Maria, empregada doméstica. Assim como a hegemonia racista produziu uma caracterização que está acoplada ao pertencimento racial de um povo, atribuindo características

inerentes e naturalizadas em relação ao corpo negro, a hegemonia classista também aponta para um julgamento preconceituoso acerca de lugares sociais como a função de empregada doméstica. O que veremos é uma narração que expõe os mecanismos hegemônicos de produção de identidades atravessadas violentamente pelo racismo e pelo machismo.

O conto “Maria” é integrante do livro *Olhos D’água* da autora mineira Conceição Evaristo. Na introdução do livro, Jurema Werneck nos diz que a mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (“todos têm”), mas que, em Evaristo, veremos:

Caliban (o escravo de Shakespeare em *A Tempestade*) atualizado, vivo, pujante. Aquele que aprende a língua do senhor e constrói a liberdade de *maldizer!* Ao subverter a língua de Próspero – o homem branco –, Caliban – a mulher negra – abre caminho para a liberdade. Expõe as regras que joga: conta o segredo. Descortina o mistério. (WERNECK apud EVARISTO, 2014, p. 14).

Desse modo, o lastro tradicionalmente racista e misógino na chamada literatura brasileira será rasurado a partir da produção de Conceição Evaristo. Neste caso, especificamente, veremos uma dupla insurgência da mulher negra: primeiro, quando vemos uma autora negra, que já foi, ela própria, empregada doméstica, dispondo atualmente do título de doutora e com alguns livros publicados, além de escritora premiada e voz presente em estudos e cenas literárias consideradas, ainda hoje, ambientes restritos de homens brancos; segundo, quando vemos Maria sendo protagonista do conto.

1 “NOS TEUS OLHOS SOU MAU VISTO...”: A personagem Maria.

Conceição Evaristo escreve:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia

anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. (EVARISTO, 2004, p. 39)

Nessa primeira descrição, que já anuncia o que encontraremos no decorrer do conto, vemos já muito claramente a classe social na qual Maria está enquadrada: empregada doméstica de poucos recursos. Fica ressaltado já, nesse início da pequena narrativa, que o corpo de Maria é violentado e sofre com as condições impostas pelo poder público (devido à espera do ônibus e ao aumento abusivo do preço da passagem); pelo próprio capitalismo (que gera a mercantilização do nosso corpo); mas também pelo racismo e pela violência de gênero.

A mulher negra ocupa, como muitos costumam chamar, a base da pirâmide social. Talvez, esse termo seja mesmo o mais adequado, porque é a base que sustenta todo o esqueleto modelado a partir da ordem capitalista, racista e sexista. Isto é, se não fossem a mão de obra barata e os abusos que ela sofre, todo o resto se desmoronaria. É interessante pensar também que “ser base” é uma característica positiva quando apreendemos essa expressão a partir de estruturas afrocentradas. Quando nos voltamos para os terreiros de candomblé, por exemplo.

O corpo de Maria é pensado a partir de uma política de minoração. Quando somos referenciados enquanto minorias, sabemos que não é uma expressão que se pauta em uma perspectiva numérica, mas no sentido do alcance de uma liberdade utópica – quanto mais distantes estamos dessa liberdade, mais nos aproximamos da classificação minoritária. Nós, negros e negras, somos minorias porque acessamos minoritariamente bens materiais e bens simbólicos. Nesse sentido, Lélia Gonzalez diz, em *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, que:

[...] é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu

homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (GONZALEZ, 1984, p. 231).

Vemos, desse modo, como o fato de Maria ter trabalhado no domingo até tarde deflagra a situação mal resolvida do pós-escravagismo brasileiro, que encontra ressonâncias nas condições trabalhistas em que se enquadram as empregadas domésticas no país. Considerando o fundo de base racista dessa situação, alguns teóricos já consideram a consolidação e abrangência da chamada PEC das domésticas como sendo a segunda abolição da escravatura. A situação de penúria, com que Maria segue sendo narrada, deflagra que ainda estamos muito longe de atingirmos condições verdadeiramente dignas para esses profissionais.

Em analogia a essa relação entre a política escravocrata e a condição em que a personagem se encontra hoje, a narrativa segue: “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida” (EVARISTO, 2014, p. 40). Esse acontecimento aparece como a expressão de uma nova forma de açoite. Assim como a espera no ponto de ônibus e o temor pela subida do preço da passagem remetem a uma condição subalternizada desse corpo, esse corte também representa a sua fragilidade, pois ele parece estar vulnerável às forças de um poder hegemônico estrutural que atua sobre ele.

Como vemos, há um movimento de sensibilização que vem transpassando a descrição de Maria desde as primeiras linhas do conto. O que parece nos mobilizar ainda mais nesse sentido é a relação da personagem com os seus filhos. Maria levava para casa, em uma sacola, um osso de pernil que seria jogado fora, uma gorjeta que recebera e que serviria para comprar xarope para os dois filhos menores que estavam gripados e as frutas que enfeitavam a mesa, dentre elas, melão – “As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (EVARISTO, 2014, p. 39-40). Se isso não for um dado capaz de nos emocionar, estejamos, talvez, perdendo de vista a

produção que nos confronta com outras localidades discursivas, que operam em nós a faísca da alteridade.

A partir desse momento, a narração passa a assumir o discurso indireto, quando coloca os diálogos no corpo do texto sem a marcação indicativa para as falas das personagens. Maria sobe no ônibus e alguém do fundo se levanta e faz um sinal para o cobrador, paga a sua passagem e senta-se ao seu lado em um dos bancos da frente. “Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho”; “Quanto tempo, que saudade! Como era difícil continuar a vida sem ele” (EVARISTO, 2014, p. 40). Segue-se um diálogo entre os dois e eles dizem que estão sozinhos, mesmo depois de onze anos. Ele pergunta pelo filho: “E o menino, Maria? Como vai o menino? Cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade!” (EVARISTO, 2014, p. 40).

Há uma exposição de uma certa fragilidade na relação afetiva, pois ambos dizem sentir falta um do outro, mas por que, então, a separação? O que fica subentendido é que a realidade em que o homem parece estar submerso não permitiu que eles vivessem o ideal de uma família. Apesar de depositar todo a responsabilidade de criar o filho sobre os ombros da mulher, Maria parece não carregar sentimento de remorso por isso. Embora seja uma prática machista, ela parece entender que a sociedade racista cria mães e mulheres vítimas de um sistema de opressão que recai duplamente sobre ela. O que é narrado a seguir é que: “O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco.”; “Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho” (EVARISTO, 2014, p. 41). Depois disso, ele levantou rapidamente, sacando a arma e dando voz de assalto.

Os pensamentos de Maria, mais uma vez, nos comovem porque estabelecem uma lógica diametralmente oposta sobre as expectativas e confirmam o peso da sua preocupação em relação aos seus filhos: “Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três

filhos (...) Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus” (EVARISTO, 2014, p. 41). Essa preocupação com as crianças repousa sobre o peso que a ancestralidade, enquanto valor civilizatório africano (LEITE, 1984), tem para a personagem. Não é apenas uma preocupação materna, mas a preocupação de uma mulher negra que não deseja que os filhos sigam reafirmando as estatísticas que colocam o Brasil no quadro dos países mais racistas do mundo, apesar da festejada farsa que sustenta uma suposta democracia racial. “Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente” (EVARISTO, 2014, p. 40) – o homem também diz, expressando a sua vontade de que eles não precisem ser como ele.

Uma necessidade de preservação, lida, comumente, como inata, que é tangenciada pela maternidade e pela paternidade, está expressa no conto a partir desses trechos, mas aparece carregada de um novo sentido quando pensamos na condição dos corpos negros em território onde a diáspora negra africana se consolidou, agressivamente, a partir da perpetuação e alongamento de agentes de alienação e criminalização desse corpo.

Assim, Kabengele Munanga (2009) diz que a destruição da consciência histórica foi uma das formas estratégicas da escravidão e da colonização, fazendo com que esse corpo também não se reconhecesse, pois, perdendo a memória coletiva, a construção de uma identidade se tornaria um processo difícil de ser realizado. Na verdade, essa forma de anulação continua sendo exercida a partir da invisibilidade e distorção com que esse corpo é tratado ainda hoje. Como veremos, a seguir, no conto.

“Maria olhou com saudade, mas desesperada para o seu ex-companheiro, pai do seu filho, quando ele desceu do ônibus junto com o seu comparsa. Nesse momento, uma voz surge do fundo do ônibus dizendo que “aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes” (EVARISTO, 2014, p. 41). “Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda

amava tanto. ” (EVARISTO, 2014, p. 41). Esse jogo entre uma voz, que parece estar repercutindo a voz da sociedade sobre esses corpos, e a voz da personagem, que não se reconhece a si nem ao outro como indivíduos marginalizados, é uma grande expressão de um dos aspectos que Evaristo coloca como marcadores do estranhamento que o corpo negro produz. O que parece ser estranho, dessa maneira, é que Maria não vê mal algum em ter conversado com o assaltante, porque, para ela, aquele homem não era lido como um marginal. Ele não havia sido destituído de identidade e esvaziado de sentido – como a sociedade e o Estado costumam fazer. Assim como ela própria não havia destituído a si mesma e nem medido a gravidade do seu ato diante do julgamento feroz dos outros passageiros.

2 RACISMO E SEXISMO: UM MOVIMENTO DE INTERSEÇÃO

Outras vozes se anunciaram em sua defesa, uma que vinha do fundo e a do próprio motorista do ônibus que afirmou conhecê-la. No entanto, “Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho” (EVARISTO, 2014, p. 42). Esse espelho que aparece, denunciando em seu reflexo a semelhança entre o agressor e o seu próprio filho, nessa cintilação quase epifânica do conto, traz à tona o sentimento de ancestralidade como uma das formas de acesso ao real (OLIVEIRA, 2007). Movendo, também, a noção de pertencimento que norteia a negritude (MUNANGA, 2009), mas ressaltando como o racismo é um mecanismo perverso que vem tentando, a todo custo, gerar uma política de ódio entre as pessoas que fazem parte do mesmo grupo racial.

Ao perceber que o seu agressor se parece com o seu filho, Maria nos deixa entrever a razão das suas mais profundas preocupações com as suas

crianças. A verdadeira barbárie é anunciada. “Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!...” (EVARISTO, 2014, p. 42). Algumas pessoas desceram do ônibus, mas outras, no entanto, avançaram sobre Maria. “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (EVARISTO, 2014, p. 42). A cena do lampejo desse pensamento na cabeça de Maria, enquanto ela apanhava de pessoas raivosas, é extremamente comovente e ela nos faz pensar, mais uma vez, sobre a densidade humana na construção dessa personagem de Conceição Evaristo. A fragilidade social desse corpo que narra a si mesmo nos mobiliza a pensarmos sobre uma profundidade subjetiva que é construída para Maria a partir de sua própria perspectiva.

Maria foi linchada pela vulnerabilidade que o corpo feminino assume na cena social e pelo fato de ser uma mulher negra e ter o seu corpo criminalizado, marcado (NOGUEIRA, 1998). Kimberle Crenshaw (2002) diz sobre a necessidade de uma consideração mútua dessas marcas identitárias. Assim, o fato de Maria ser uma mulher negra coloca a violência sofrida por ela nesse lugar da intersecção. Se fosse Maria uma mulher branca, os passageiros do ônibus teriam entendido que ela estava na condição de parceira ou que ela estava sendo constrangida pelo assaltante? Nada justifica. Se fosse Maria um homem e estivesse em conluio com o assaltante, os passageiros do ônibus avançariam sobre ela com tamanha crueldade? Nada justifica. O último parágrafo do conto se inicia assim:

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isso com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida (EVARISTO, 2014, p. 42).

Mais uma vez, o sistema de açoite aparece reconfigurado, o linchamento que ela sofreu era como a faca a laser, era mais uma forma moderna de

pendurar o corpo negro e chicoteá-lo. E ela termina dizendo: “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2014, p. 42).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No disco *Canto Negro* (1989), o Ilê Aiyê grava a música “Ilê de Luz”. De autoria de Carlos Lima Suka, a canção tem a participação de Caetano Veloso, que canta a música acompanhado da banda Aiyê e de um coro que entoia o refrão em forma de lamento. Os versos dizem: “Me diz que sou ridículo/Nos teus olhos sou mal visto/ Diz até tenho má índole/ Mas no fundo/ Tu me achas bonito lindo/ Ilê Aiyê/ Negro é sempre vilão/ Até meu bem provar que não/ É racismo meu? / Não”.

Assim, esse pareceu ser um mote apropriado para adentrarmos no conto de Evaristo, pois, a partir do entendimento do corpo enquanto uma codificação textual, ou seja, o corpo enquanto texto, passamos a compreender que a leitura que fazem do corpo negro, a partir de uma formação que é estruturalmente racista, passamos a criminalização compulsória desse corpo. Sobre esse fenômeno, Achille Mbembe diz que o corpo negro é central “no cálculo da sujeição política” (MBEMBE, 2011, p. 178). Nesse sentido, o corpo parece possuir também a centralidade das ideias que são mobilizadas por meio do conto “Maria”. Ele articula os dois modos de opressão sofridos pelo corpo de uma mulher negra – o racismo e o sexismo.

Quando Conceição Evaristo escreve ela está rompendo com a lógica que sustenta os mecanismos que o racismo se utiliza para a formação e sustentação

de um imaginário e de um sistema de representação que se dá a partir da apreensão de escritores brancos. Alberto Guerreiro Ramos diz:

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objetos de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida (RAMOS, 1995, p. 215)

Nesse sentido, os estudos sobre a literatura brasileira têm trazido representações que apenas refletem a natureza da sociedade brasileira e reafirmam um lugar muito específico para os corpos negros, ignorando o negro-vida à que se refere Guerreiro Ramos. A questão da criminalização do corpo negro está contida em mecanismos que visam a sustentação da supremacia branca. Ela se sustenta na estigmatização desse corpo que é visto como o outro e no silêncio do grupo que pratica a violência racial e dela se beneficia simbolicamente e materialmente. Maria Aparecida Silva Bento diz que há:

(...) um outro elemento importante que está na gênese desses processos, e que é ressaltado por vários estudiosos das relações raciais no Brasil: o medo (...) O estudo de Azevedo evidencia como o ideal do branqueamento nasce do medo, constituindo-se na forma encontrada pela elite branca brasileira do final do século passado para resolver o problema de um país ameaçador, majoritariamente não-branco (BENTO, 2002, p. 29-30).

No conto, vemos como a personagem principal teve o seu corpo criminalizado. Muitos dirão que ela estava falando com o “bandido”, o “assaltante” e que isso justificaria a violência dos passageiros do ônibus. Mas, obviamente, a sua condição de mulher negra determinou e, até mesmo, encorajou a onda de violência da qual foi vítima.

REFERÊNCIAS

-
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e branquitude no brasil*. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CRENSHAW, Kimberle W. *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2002.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.
- LEITE, Fábio. *Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas*. In Introdução aos estudos a África contemporânea. São Paulo: Centro de Estudos Africanos da USP, 1984.
- MBEMBE, Achille. *As formas africanas de auto-inscrição*. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, nº 1, 2001.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*, 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca*. Edusp, São Paulo, 1998.
- OLIVEIRA, David Eduardo de. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007
- RAMOS, Alberto Guerreiro. *Patologia social do "branco" brasileiro*. IN: RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995
- SUKA, Carlos Lima. *Ilê de Luz*. In: ILÊ AIYÊ. *Canto Negro* [CD]. Salvador: Eldorado, 1989.